

## HISTÓRIAS NEGRAS: A IMPORTÂNCIA DO PASSADO PARA O ENTENDIMENTO SER NO CONTEXTO DO RECIFE SETECENTISTA

Wolffi Santos e Santana <sup>1</sup>  
Giselda Brito Silva <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

No Brasil, o processo de colonização buscou subjugar os povos indígenas e africanos retirando deles a dignidade humana e o apagamento de suas identidades. A tentativa de destruição das identidades dos povos escravizados estava atrelada a imposição da cultura, moral e valores eurocentrizados cristãos. Nesta dinâmica colonial as instituições religiosas e jurídicas servem como ferramentas de controle, punição e dominação dos povos subjugados. A exemplo do Código Penal de 1830<sup>3</sup>, no artigo 238 que distinguia o tratamento penal caso o esturpo ocorresse com mulheres ditas de bons costumes e aquelas que estavam fora dessa categoria.

Nesse código é perceptível a distinção que é feita para mulheres ao utilizar as expressões “honesta” e “mulher pública ou prostituta”. Historicamente, nesse período, a mulher “honesta” seria a que estaria em convívio familiar (Estacheski, 2012) e que não tivesse condutas que fosse contra a moral, aquele que a violentasse teria uma pena maior que o crime cometido contra uma mulher pública ou prostituta. Sutilmente a lei também faz uma distinção classista e racista, no momento em que se entende a condição social da prostituta e a sua etnia, pois o povo brasileiro é constituído majoritariamente por pessoas negras e periféricas (Marigoni, 2011).

Outrossim, as escolas coloniais contribuíram para a destruição do conhecimento e da cultura de populações locais, essas ações seguiam o *modus operandi* colonizador seguindo um falso viés civilizador, que consistia em buscar subalternizar, subordinar, marginalizar de forma sistemática diversos povos (Souza, 2020). Para Sueli Carneiro, o processo de epistemicídio para a população negra demandava em anulação e

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da UFRPE. e-Mail: [wolffisantos@gmail.com](mailto:wolffisantos@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora-Orientadora. Docente da Graduação e da Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e-Mail: [giselda.brito@gmail.com](mailto:giselda.brito@gmail.com)

<sup>3</sup> Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/LIM/LIM-16-12-1830.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM-16-12-1830.htm)>

desqualificação do conhecimento, pela negação ao acesso à educação, inferiorização intelectual, deslegitimação do ser negro e de toda sua produção intelectual, afetando a sua autoestima e como consequência a mutilação da sua capacidade de aprender (Carneiro, 2005. p.96). Portanto, buscar compreender a dinâmica colonial de exploração bem como as estratégias de resistência e sobrevivência da população negra é fulcral para a construção epistemológica de como esses sujeitos foram agentes ativos nos processos de construção e preservação de suas identidades.

## **METODOLOGIA**

Para este estudo foi utilizado como referencial teórico o texto Ganhadeiras: Trabalho feminino nas ruas do Recife Setecentista (2020), da autora Suely Creusa Cordeiro de Almeida, pretendemos refletir as estratégias de sobrevivências da população negra, sobretudo das mulheres negras, no contexto do Recife do século XVIII e as formas de construção de suas subjetividades em comparação às mulheres brancas no mesmo período e como isso repercute até o presente.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O processo de escravização do povo negro reduziu esses sujeitos ao lugar de dor e sofrimento, fazendo com que fosse criado no imaginário social que tais sujeitos fossem seres indignos de paz, honra, de viver, ter saúde e que não possuíam cultura além de serem marginalizados. Nesse contexto, sujeitos afrodiaspóricos foram submetidos a diversas formas de violências física, mental e espiritual, diante de todas essas adversidades muitos recorreram e ainda recorrem a subterfúgios para se manterem vivos. O processo de colonização da amerikkka<sup>4</sup> com base no mercantilismo, escravização e imperialismo, ocasionou e ocasiona genocídios indígenas, populações africanas e afrodiaspóricas. A construção histórica desses povos a partir de uma perspectiva decolonial é de extrema importância para o combate ao racismo estrutural e elaboração de possíveis curas sociais das mazelas formadas por tantos anos de crueldade. Durante o período colonial, a escravidão usou o corpo negro como sua força

---

<sup>4</sup> O triplo K segue uma orientação pan-africana, apresentada por Assata Shakur (2016), sendo uma referência a Klu Klux Klan, como algo inerente à nação amerikkana; Entendo esta concepção à amérikka arquetípica do Ocidente e não apenas aos EUA, já que percebo a partir das leituras de Aza Njeri (2020) esta nação como uma das representações da branquitude no Ocidente, que é anglo-europeu.

física e intelectual, mesmo que ao longo dos anos a historiografia eurocêntrica negue as contribuições intelectuais dos negros. Mormente, diversos estudos fomentam o grau elevado tecnologias e saberes que os povos africanos já possuíam, a exemplo dos povos keméticos<sup>5</sup>.

O pesquisador Maciel Henrique Carneiro da Silva, em seus estudos sobre “Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador (1870-1910)” (2011), traz ricas informações de como as mulheres negras eram violentadas e como lutavam pelas suas sobrevivências. Os colonizadores trouxeram além de suas doenças físicas, seus valores morais e éticos, dentre eles a sua visão de o que é família e trabalho. Tais valores ainda são persistentes tanto no âmbito familiar tupiniquim, quanto no político. Esses valores ditavam que as mulheres negras tinham que servir aos seus senhores de diversas formas, incluindo sexualmente.

Dentro do âmbito familiar havia a relação de poder patriarcal europeu, o homem branco era quem comandava em seguida das mulheres brancas, mesmo estas também sendo vítimas desse sistema patriarcal, mas o racismo ainda as favoreciam. O sociólogo Gilberto Freyre (2019), mesmo se valendo ainda de uma cosmovisão europeia<sup>6</sup>, em suas obras originadas de longos anos de pesquisa, contribuiu para trazer ao campo intelectual sobre as relações de poder que eram estabelecidas dentro das casas dos senhores. Nessas obras há relatos de abusos sexuais, em muitos deles ocasionando em gravidez e aumentando o adoecimento da população negra.

Os destinos destas crianças advindas desses estupros eram variados: servidão junto aos pais, ascensão social mesmo que limitado, abandono, entregue as Santa Casas de Misericórdia ou deixadas nas rodas dos expostos<sup>7</sup>, isso quando não eram abortadas espontaneamente devido às condições insalubres ou forçadamente a pedido dos senhores. Freyre<sup>8</sup> ao expor todas essas informações, mesmo que a partir de uma visão de

---

<sup>5</sup> Pesquisadores como Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Ama Mazama e George G.M James tratam de resgatar a memória africana que por muitos anos foi alvo do epistemicídio.

<sup>6</sup> Oyèrónké Oyèwùmí em seu livro a Invenção das mulheres (2021), no primeiro capítulo traz o conceito de cosmopercepção em contraste a cosmovisão. A cosmovisão seria a ferramenta metodologia usada pelo Ocidente para analisar a cultura de uma sociedade a partir da visão ocidental. Enquanto a cosmopercepção seria uma forma mais ampla de descrever as diferentes culturas utilizando de vários sentidos, a visão, o corpo e espiritual por exemplo.

<sup>7</sup> A pesquisada Alcileide Cabral do Nascimento (2006), contribuiu com suas pesquisas no resgate sobre as histórias das crianças que foram abandonadas no período colonial na cidade do Recife e quais eram seus destinos e as políticas públicas voltadas para lidar com a situação desses sujeitos.

<sup>8</sup> No capítulo Anos 1930: O relógio da colonização portuguesa (2006), a autora faz várias análises das obras de Gilberto Freyre e das suas contribuições à historiografia pernambucana.

um homem branco, induz a reflexões sobre como se dava o racismo e escravidão na cidade do Recife e como estavam relacionados a questão do trabalho formal e informal.

É a partir dessas reflexões que se faz jus os estudos da professora Suely Creusa Cordeiro de Almeida, em específico o texto Ganhadeiras: trabalho feminino nas ruas do Recife setecentista (2020), onde a autora propõe uma análise de como as mulheres negras fora do contexto familiar descrito por Freyre (2019), tentavam sobreviver nas ruas da Veneza brasileira a partir do trabalho formal e informal. A autora relata como as ganhadeiras participavam do comércio em Recife, tais mulheres podiam circular pelas ruas pois de acordo com a Ordenação das Filipinas, código de conduta e ética europeu que prevaleceu até o fim do período colonial, esses sujeitos eram destituídos de honra e por isso trabalhos manuais ou aqueles “defeitos mecânicos” eram permitidos e atribuídos ao povo negro, ao contrário das mulheres brancas, filhas ou esposas de homens brancos que tinham que se manter presas em casa para manter a honra da família e principalmente do patriarca (Peixoto, 2014).

As ganhadeiras, em sua maioria mulheres negras, ao passo que podiam trabalhar nas ruas, praças, nas quitandas, vendendo jóias e mercadorias, tinham seus direitos e garantias rejeitados devido a não humanização e cidadania do corpo negro no período colonial. Entende-se que pessoas negras não possuíam o status de cidadão, visto que por serem pessoas sem honra o crime cometido contra elas era de certa forma permitido, como é visto no livro V da Ordenação das Filipinas, nos Códigos Penais de 1830, 1890 e 1940. Almeida ainda relata que haviam várias formas de como essas mulheres utilizavam do sexo para sobreviver, ora tendo relações sexuais com donos de lojas ou seus patrões, ora se prostituindo. Aqui a prostituição como forma de subterfúgio se tornou um dos determinantes sociais impostos as várias mulheres negras, principalmente aquelas rejeitas pelas famílias, sem emprego, em situação de rua e abandonadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Depreende-se, portanto, que as mulheres negras do Recife setecentista apesar de terem seus corpos explorados e reificados, utilizavam de sua condição de trabalhadoras como subterfúgios de sobrevivência. Enquanto o direito à cidadania e dignidade humana eram restritos às pessoas brancas, a população negra lutava constantemente

contra as violências cotidianas. O resultado de anos de escravidão repercute na atualidade, como é apontado a pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas<sup>9</sup> onde a média salarial das mulheres negras e pardas equivale a 48% dos homens brancos e 62% das mulheres brancas, mostrando assim uma das sequelas do racismo e de anos de escravização da população negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação do racismo iniciado com a escravização perpassa pelos corpos negros de diversas formas, implicando em diferentes dinâmicas sociais que convergem para uma direção, a morte desses povos. A negação dos direitos básicos como saúde, lazer, vida e o livre exercício ao culto religioso fizeram parte de políticas eugenistas, Achille Mbembe (2008) nomeia essas políticas como Necropolíticas, com relação ao apagamento dos saberes e história do povo negro a autora Sueli Carneiro utiliza o termo epistemicídio. Diante do que foi refletido ao longo do texto, é imperioso o movimento de sankofa como um dos mecanismos ao combate ao racismo e assim retirar o povo afrodiaspórico do lugar de dor e sofrimento, pois se aquele que não sabe do seu passado não sabe quem é.

**Palavras-chave:** RECIFE, NEGRAS, TRABALHO

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **Ganhadeiras: Trabalho feminino nas ruas do Recife Setecentista**. Recife: Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “Africanos, escravizados, libertos biografias, imagens e experiências atlânticas” • agosto de 2020

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 08 fev. 2023.

---

<sup>9</sup> Disponível em <  
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza>>

ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet. **‘mulher pública’ e ‘mulher honesta’: moralidade e honra no final do século XIX e início do Século XX**. ANPUH, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** - 3ª ed., 2018.

MARINGONI, Gilberto. **História - O destino dos negros após a abolição**. 70ª ed. IPEA, 2011.

NJERI, Aza; AZIZA, Dandara. **Entre a fumaça e as cinzas: Estado de Maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana**. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 11. n. 2 (2020), p. 57-80

Oyèwùmí, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero** /Oyèrónké Oyèwùmí; tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEIXOTO, Moisés. **Rosa Maria da Silva e Gracia Maria: Escravidão, Trabalho, Família e Mobilidade Social em Piedade de Iguaçu e Santo Antônio De Jacutinga**. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, v. 4, n. 6, p. 6-21, 2014.

REIS, José Carlos. **Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 51 a 82.

SHAKUR, Assata. **Assata Shakur: Escritos**. Brasília: Quilombo X: 2016

SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. **Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador (1870-1910)**. Salvador, 2011.

SOUZA, Sheila Perina. **Um estudo educacional a respeito das línguas bantu na escola moçambicana**. 2020. 244f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020.